

Tempos Temerários

EVITO o mais possível escrever sobre livros, e gostaria de ter força para só o fazer em casos excepcionalíssimos. Mas não é apenas por amizade ou consideração que de vez em quando quebro esse preceito; é também pelo sentimento de que no Brasil ainda é preciso estar sempre chamando a atenção do público para tudo que é arte e cultura, tudo que não é fuxico de café-society, futebol e política. Não que eu seja contra essas coisas (gosto inclusive dos fuxicos) mas é que dá pena ver a repercussão relativamente pequena do esforço dos que se dedicam às coisas do espírito. A melhoria que tem havido não corresponde nem de longe ao desenvolvimento da vida brasileira em outros setores; a indústria editorial tem progredido, mas em um ritmo quase ridículo em comparação com outras indústrias.

Falarei hoje do romance «Tempos Temerários», de Nestor Duarte. O autor tem se dedicado excessivamente pouco à literatura (fez apenas um romance antes, e isso em 1937) e o livro se ressentiu disso. Para usar uma expressão que deve ser cara a um baiano, seu estilo, e não apenas ele como a composição mesma do livro, poderia sofrer aquela operação que sofre a floresta quando se vai plantar cacau: devia ser «brocado», libertado do mato miúdo e de um certo número de árvores, arejado. Há muitas considerações, observações, explicações, análises que, mesmo sendo sensíveis ou inteligentes, poderiam ser dispensadas para desimpedir a marcha da leitura, o fluxo da ação. Já que falei em futebol, o autor está segurando a bola um pouco demais, atrasando o jogo de seus personagens.

Não se pense, entretanto, que se trata de um cipal fechado; a prova que não, é que li o livro de uma assentada só, e não sou leitor esforçado nem heróico, não me reconheço nenhuma obrigação de ler, leio de puro prazer. E' que o livro tem mesmo força e emoção, tem momentos de beleza, e prende sempre. E' a história de um homem, um homem típico de uma geração que está entre a de Nestor e a minha, que se entrega a duas grandes aventuras, a da Igreja e a do Comunismo, e em ambas se empenha sucessivamente com o mesmo fervor. Mesmo que não seja verdadeira, a história é autêntica, e seus personagens vivem de fato, são gente, e gente de nosso tempo, com a peculiar angústia de nosso tempo — a mesma angústia que em tom menor aparece em «O Encontro Marcado», de Fernando Sabino, documentário de uma geração de hesitantes.